Esperança na Amazônia!

A Força Aérea do Peru contém os incêndios florestais

Major Giancarlo Sáez Mendoza, Força Aérea do Peru

Introdução

A Força Aérea do Peru se fez presente nos incêndios florestais da América do Sul, enviando dois helicópteros russos MI-171Sh ao Estado Plurinacional da Bolívia para ajudar na luta contra os incêndios. Os últimos acontecimentos na Amazônia têm chamado a atenção do mundo todo, não apenas do ponto de vista científico e ambiental, mas também político, posto que a Amazônia é um território de produção de oxigênio para o planeta e a preocupação tem sido compartilhada pelos principais meios de comunicação. Enquanto as lentes do mundo se enfocam no Brasil, poucos sabem que a Amazônia boliviana inclui uma região adjacente chamada Chiquitania, que compartilha os mesmos problemas de focos de calor produzidos pela temporada de seca e queima dos campos de cultivo adicionais aos produzidos de forma natural pela baixa umidade e alta temperatura da estação anual. Estes incêndios estão devastando milhares de hectares de floresta natural e produzem grandes quantidades de monóxido de carbono que estão prejudicando milhares de bolivianos. Neste sentido, o governo boliviano solicitou uma cooperação internacional e a Força Aérea do Peru se fez presente assim que pôde concretizar os preparativos para que suas aeronaves cruzassem o espaço aéreo e pudessem chegar ao centro dos incêndios.

Adicionalmente, aproveito esta janela de diálogo profissional, para ampliar a informação que poderíamos ter sobre a problemática mundial que se vive na atualidade sobre os incêndios na América do Sul, baseados em testemunhos de pessoas que estiveram no local dos acontecimentos.

A problemática mundial sobre os incêndios na América do Sul

Um setor importante da Amazônia está ardendo em chamas. Para se ter um panorama mais amplo, diversos focos de calor estão espalhados por toda a América do Sul. Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais do Brasil (INPE), até hoje são 225.629 focos de incêndio registrados desde janeiro do presente ano em todo o continente[1], envolvendo não somente o Brasil, mas também países como a Venezuela, a Bolívia, a Argentina, a Colômbia, o Paraguai, o Peru, entre outros. O Brasil ostenta o maior número de focos de fogo com 50 por cento do total geral do continente, sendo 56.085 focos de incêndio correspondentes ao bioma amazônico, ou seja, quase 25 por cento de todos os focos de calor do continente provêm somente do

bioma amazônico brasileiro. Tem sido, sem dúvida, agravantes que têm levado os Estados do Amazonas e Acre, no Brasil, a declarar estado de emergência ou alerta ambiental e, consequentemente, a intervenção do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, a tomar medidas no assunto e ordenar o destacamento das forças armadas a reservas naturais, terras indígenas e áreas fronteiriças da região para lutar contra o fogo[2]. Estes acontecimentos têm despertado o interesse de muitas pessoas que desconheciam esta informação a endereçar suas reivindicações de várias maneiras, por isso, é conveniente saber como e quando é que se produzem as queimadas na Amazônia.

Figura 1. Helicóptero FAP MI-171Sh realizando operações de combate a incêndio em Tierra Hermosa, departamento de Santa Cruz, Bolívia
Fonte: Autor

A principal causa dos incêndios florestais é definitivamente pela ação humana, ou seja, os incêndios provocados por agricultores na temporada seca para preparar uma área para cultivo ou "limpar" uma determinada área. Em uma entrevista com Reuters, o pesquisador do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), Paulo Moutinho, sustenta que o aumento alarmante dos incêndios da Amazônia se deve em grande parte ao avanço do desmatamento. Além disso, explica que a falta de prevenção é o que faz com que os incêndios iniciados deliberadamente para limpar uma área já desflorestada para abrir estradas ou preparar a terra para cultivo, "se propaguem a áreas que não se queria queimar e que estão mais secas[3]." Do mesmo modo, um estudo do Projeto de Monitoramento da Amazônia Andina (MAAP), explica a relação atual que existe entre o fogo e o desmatamento, que já tem alcançado a inquientante cifra de 52.500 hectares desmatados em 2019. A descoberta chave de sua análise foi o cenário relativamente amplo do desmatamento em grande escala seguido de fogos, sobretudo nos estados amazônicos de Rondônia, Amazonas e Pará, de modo que, conquanto continue a temporada seca, haverá alto risco de fuga de fogos à mata circundante, causando queimas mais extensas[4].

A Bolívia compartilha realidade semelhante no seu lado da Amazônia; a região de Chiquitos ou a Chiquitania boliviana tem sofrido uma verdadeira sequência de focos

de incêndios. As regiões tropicais da floresta chiquitana, a Amazônia boliviana e o Pantanal Ocidental têm sido afetados pelos incêndios florestais prejudicando as populações urbanas de Roboré, Puerto Busch e San Ignacio de Velasco no departamento (estado) de Santa Cruz. Em consequência, o presidente da Bolívia, Evo Morales, naquele momento, formou um Gabinete de Emergência Ambiental[5], que criou o Plano Tajibo para enfrentar de maneira sistemática o problema que aflige esta região. De acordo com o Relatório de Situação do Comando de Incidente do dia 17 de setembro de 2019, emitido pelo Plano Tajibo, a superfície de incêndios se estende a 758.442 hectares de florestas tendo afetado 4.472 famílias dentro de sete municípios declarados em Situação de Desastre e três municípios declarados em Situação de Emergência[6]. As razões dos incêndios não são diferentes das do Brasil, uma vez que compartilham a mesma geografia e as mesmas necessidades agrícolas e econômicas. A remoção de vegetação mais comum é o uso denominado "Chaqueo", o qual consiste em desmatar e queimar um pedaço de terra, com o objetivo de convertê-lo em um campo de cultivo e utilizar as cinzas restantes como fertilizante. Como se pode observar, Brasil e Bolívia combatem contra os mesmos perigos que são ocasionados pelas mesmas atividades não controladas, apenas com termos coloquiais diferentes: "Queimadas" no Brasil e "Chaqueos" na Bolívia.

A Força Aérea do Peru contém os incêndios na Amazônia

Diante desta situação alarmante, mediante uma Nota Verbal, o estado boliviano solicitou apoio aéreo ao estado peruano para combater os incêndios florestais da Amazônia. O preâmbulo político das relações entre o Peru e a Bolívia era recente porque, no dia 25 de julho de 2019, ambos os governos realizaram o V Encontro Presidencial e Gabinete Binacional, no qual concordaram em fortalecer a prevenção de tráfico legal e ilegal dos recursos florestais madeireiros, não madeireiros e de vida silvestre[7]. Além disso, o Comandante Geral da Força Aérea Peruana (FAP), Tenente-General Rodolfo García Esquerre e o Comandante-Geral da Força Aérea Boliviana (FAB), General de Divisão Aérea Jorge Gonzalo Terceros Lara, já haviam estreitado fortes laços de amizade na LIX Conferência de Chefes das Forças Aéreas Americanas (CONJEFAMER 2019), principal atividade do Sistema de Cooperação entre as Forças Aéreas Americanas (SICOFAA), de modo que este era o momento crucial para demonstrar a utilidade deste sistema de ajuda internacional. Assim que o estado boliviano gerava as autorizações de sobrevoo aéreo, o estado peruano dava ordens à Força Aérea do Peru para designar e destacar a melhor equipe e tipo de aeronaves para a luta aérea contra os incêndios, para que fosse mobilizada de maneira imediata e eficaz.

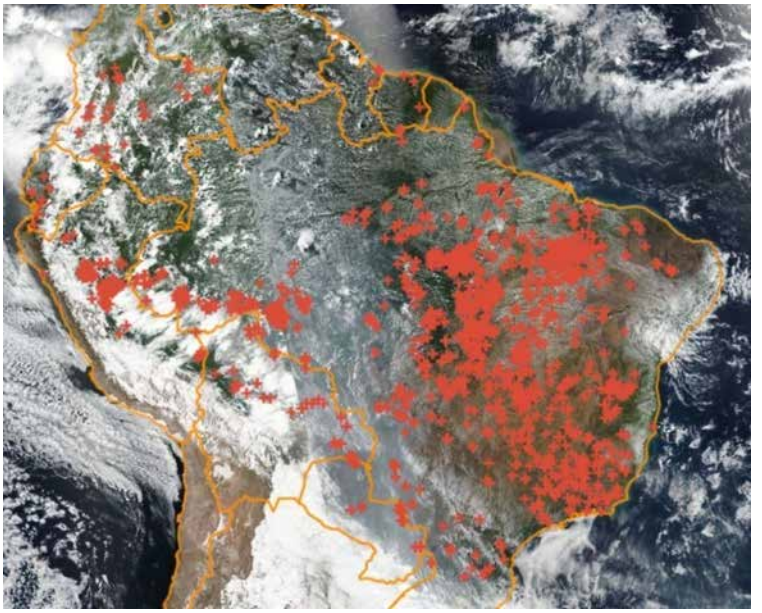

Figura 2. Imagem capturada pelo Aqua Satellite, que mostra todas as fontes de calor na América do Sul
Fonte: Autor

A Força Aérea do Peru encomendou esta missão ao Grupo Aéreo Nº 3, que tem a seu cargo a administração dos helicópteros multifuncionais da Instituição. A aeronave a ser enviada deveria ter as performances e autonomia necessárias para navegar a lugares distantes, grande capacidade de carga de água mediante helibaldes, robustez adequada para suportar campos empoeirados e grande exigência dos motores em altas temperaturas. Foram eleitos os helicópteros MI-171Sh que se encontravam operando sob o Comando Especial do Vale dos Rios Apurímac, Ene e Mantaro (VRAEM), realizando operações aéreas de luta contra o narcotráfico e terrorismo nesta região do país, junto com os sistemas de helibaldes com capacidade de 2.500 litros de água que se encontravam prontos para serem enviados de Lima. O comandante do Grupo Aéreo Nº 3, Coronel da FAP Martín Asenjo Gallo, definiu os padrões de segurança para o destacamento de pessoal e aeronaves, enquanto que o Comandante da FAP Romel Calderón Ochoa, do segundo comando, se encarregava da seleção da equipe de trabalho e tripulações comissionadas. A capacidade de intervenção e deslocamento se exerceu de forma notável, o dia 26 de agosto foi a data em que a FAP foi notificada sobre esta encomenda operativa e, no dia seguinte, as equipes, pessoal e aeronaves já estavam decolando do aeródromo de Mazamari, iniciando sua longa travessia até a Bolívia. No início, o destino era a cidade de Roboré, entretanto, o desastre ecológico e a prioridade de intervenção fez com que houvesse mu-

dança de planos de voo à cidade de San Ignacio de Velasco no departamento de Santa Cruz, onde se encontrava o Posto de Comando de Incidente. É oportuno ressaltar o notável esforço do Comandante do Esquadrão Aéreo Nº 332, Major da FAP Javier Rojas Aguilar, que monitorava a todo momento o desenvolvimento da implantação e desempenho diário do pessoal e das aeronaves, prevendo qualquer necessidade para o seu desenvolvimento normal.

No dia 28 de agosto de 2019, os dois helicópteros da FAP MI-171Sh chegaram à cidade de San Ignacio de Velasco; a sua chegada foi transmitida pelos principais meios de comunicação do país e o seu recebimento foi liderado pelo Presidente Evo Morales juntamente com o Ministro da Defesa e os altos comandos militares do país. Neste momento, foram expressos a expectativa e o interesse do povo boliviano, em receber o primeiro contingente aéreo estrangeiro de ajuda humanitária para controlar os incêndios florestais da Chiquitania, motivo pelo qual, o presidente boliviano agradeceu ao pessoal comissionado pela sua chegada e a seu homólogo, o Presidente do Peru, Martín Vizcarra, pelo compromisso mostrado. Horas mais tarde, a delegação peruana assistiu a uma apresentação feita pelo Ministro da Defesa, que expôs um resumo executivo do panorama do momento com dados estatísticos e diversas fontes de informação.

As entidades do estado boliviano faziam grandes esforços para lutar contra os incêndios da floresta chiquitana. De acordo com relatórios do dia 27 de agosto de 2019, entre todas as instituições do estado envolvidas no Gabinete de Emergência, entre elas, os ministérios do estado, as forças armadas, departamentos municipais, guardas de parque, movimentos de defesa, bombeiros, entre outros, mobilizaram 821 equipes contra incêndios, 15 equipes de emergência, 20 equipes de informática, 23 equipes de resposta rápida, sete helicópteros e pessoal voluntário. Entre eles, somavam um total de 4.288 participantes e 215 veículos, ao qual deviam se adicionar a ajuda humanitária da Defesa Civil, a Ajuda Internacional dos Bombeiros de Jujuy da República Argentina e, naturalmente, a recente chegada dos helicópteros especializados de luta aérea contra incêndio da República do Peru. Enquanto isso, o Ministério da Defesa solicitava mais cooperações internacionais, instando-os a juntar-se às delegações já presentes.

Com a informação atualizada e tendo em mãos os meios disponíveis, a delegação peruana procedeu à análise do problema operativo de luta contra incêndio aéreo na região. A problemática era em grande escala, a quantidade de focos de calor e sua grande dispersão eram complicações que deveriam enfrentar, adicionadas à pouca disponibilidade de água nesta região. As cidades mais afetatadas pelo fogo e fumaça no departamento (estado) de Beni eram San Martín, Los Ángeles e Tierra Hermosa, que se encontravam a 73 milhas náuticas de San Ignacio de Velasco. Por isso, devia-se considerar diversos fatores como: a meteorologia na rota, um ponto avançado de re-

abastecimento de combustível, a inteligência da área para conhecer as coordenadas dos focos de calor, a disponibilidade de água, os possíveis pontos de aterrizagem em caso de emergência e o estabelecimento do eventual Posto de Comando.

A extensa quantidade de focos de calor em tal região demandava a responsabilidade de fazer um *Targeting* eficiente dos incêndios a interferir: entre os que prejudicam a flora e a fauna amazônica ou os que afetam diretamente a população pela fumaça. Optou-se então pelo segundo: a população estava sendo muito prejudicada pelo monóxido de carbono emitido durante vários dias, as escolas haviam fechado para que a população pudesse dirigir-se a outras cidades para se proteger, entre outras.

Uma vez realizada a priorização de objetivos, começou-se o planejamento de missão. O estado boliviano oferecia as instalações de abastecimento de combustível nos pontos avançados solicitados pela FAP e pilotos da FAB iam como observadores aéreos a fim de prestar ajuda e informação de interesse sobre o terreno. Dada a distância dos objetivos, os dois helicópteros deveriam decolar de San Ignacio de Velasco com tanque auxiliar interno de combustível e equipe de manutenção completa para poder solucionar qualquer contratempo técnico. As navegações deveriam ser feitas com o sistema de helibalde dentro da aeronave, para utilizá-lo deveria se aterrizar em um ponto, estendê-lo para fora do helicóptero e posteriormente realizar o combate a incêndio com o sistema levado como carga externa. Deve-se levar em conta que a velocidade de cruzeiro do MI-171Sh é de 220 km/hr, enquanto que a velocidade máxima com carga externa é de 150 km/hr, considerações táticas importantes para a eficiência das velocidades de acordo com o tipo de missão. Com respeito à altura do terreno, não significava maiores problemas já que se encontrava a 300 metros acima do nível do mar, ainda que a temperatura oscilasse entre 30 e 35 graus Celsius e, de acordo com tabelas de performance, podia-se dispor de quase toda a potência disponível, com exceção de quando se utilizavam os protetores de poeira.

No dia 29 de agosto deu-se início propriamente às operações de combate a incêndio começando pelo povoado de San Martín. Ao chegar ao povoado e enquanto preparavam o sistema de helibalde, as tripulações conversaram com a população e puderam corroborar a condição aguda que os estava afetando, as escolas haviam efetivamente adiado as aulas por mandato estadual porque algumas crianças estavam apresentando conjuntivite e coceira na garganta causada pela inalação da fumaça. Estes dados, na realidade, fizeram com que as tripulações da FAP tomassem consciência mais real da problemática e aumentassem seu compromisso de ajuda ao povo boliviano.

Ao decolar dos povoados de San Martín e Los Ángeles, já se podia ver a uma distância aproximada inferior a 10 milhas, os fortes focos de incêndio na grande savana florestal da região. Não eram apenas núcleos de calor intenso, mas também havia muitos deles e além disso estavam dispersos uns dos outros. A obrigação era encon-

trar fontes de água, o objetivo era poder atender à maior quantidade de focos de calor possível, para isso devia se buscar reservatórios (pequenas fontes de água usadas para a agricultura e/ou criação de gado) que estivessem próximos, de modo que também deveria ser feita uma priorização tática dos objetivos, a menor distância entre os reservatórios e o fogo, menor tempo de deslocamento entre eles e portanto se poderia alcançar uma maior frequência de carga e descarga de água.

A busca de reservatórios era um grande problema para as tripulações, devido a diversos fatores. Primeiro, a quantidade de reservatórios era reduzida. Segundo, alguns deles estavam muito distantes do fogo. Terceiro, a quantidade de água de alguns não representava uma carga completa do helibalde. Quarto, os eixos de entrada e saída de alguns reservatórios não eram cômodos para a aproximação, levando em conta que tais fontes de água são usadas para a atividade rural e não foram projetadas para a operação aérea de helicópteros. Quinto, a temporada de seca em uma região fazia com que, às vezes, se encontrasse reservatórios cuja quantidade de água decrescia significantemente conforme as recargas do helibalde, ou seja, ficavam sem água (à razão de 2.500 litros de água por recarga). Essas considerações foram levadas em conta para o planejamento e operação; em alguns casos, se encontravam reservatórios que enchiam 100 por cento do helibalde, mas estavam a 5 milhas do fogo, contudo, haviam reservatórios que enchiam 80 ou 70 por cento a uma milha deste. A quantidade de água descarregada sob uma série de recargas e descargas a 5 milhas não superava a frequência das de menor distância, estas, tendo assim, maior capacidade; neste sentido, se agregava um fator adicional à análise *in situ* da missão.

Foram utilizadas várias técnicas de descarga de água durante as operações. A topografia era conveniente por sua planície, no entanto, a aridez do terreno dificultava a tarefa contra incêndios. A vegetação na Chiquitania nesta época do ano é bastante seca, a umidade está abaixo de 29 por cento e a temperatura do fogo ao nível do terreno chega a 200 graus Celsius, de modo que lançar água de um nível muito alto e em direção aos arredores do fogo significava a evaporação de certa porcentagem de água durante a sua descida, ou seja, uma ação indireta para criar barreiras corta-fogos não serviria nesta situação. Alguns incêndios tinham forma linear nos quais necessariamente se devia realizar um tipo de descarga em cadeia. Outros focos de calor exigiam descargas de água sobre o mesmo ponto de fogo para poder aplacar o núcleo o máximo possível, para o qual se utilizava a técnica de descarga em mergulho e com pouca velocidade para a frente (50 km/hr aproximadamente). Estas considerações faziam com que as tripulações atuassem em conjunto estabelecendo um foco de calor em particular, para que ambas pudessem atacá-lo por meio de intervalos e trânsitos em pareamento. Enquanto um recarregava, o outro descarregava. Desta forma, a constância de descargas de água de 2.500 litros a um mesmo ponto pelos dois helicópteros, reduziam sua expectativa de reativação e se podia prosseguir em menor

tempo a um ponto próximo. As tripulações deviam realizar uma avaliação de cada incêndio a ser combatido para alcançar uma melhor ação sobre o mesmo, tendo sempre em conta os parâmetros de voo e segurança operacional.

As tripulações tiveram que usar máscaras protetoras para se proteger da fumaça que entrava na cabine. De acordo com o manual da FAP de combate a incêndios, a altura ideal para atacar incêndios eficazmente é de 15 a 20 metros sobre o objetivo, contudo, a magnitude do fogo era tal que a extensão vertical da fumaça chegava até o helicóptero e por conseguinte, à cabine de voo. A fumaça era um fator prejudicial, a redução de visibilidade tornava o cálculo óptico de descarga mais difícil, assim como a liberação da outra aeronave, mas, o mais importante, expunha a tripulação à inalação de gases tóxicos. Por conseguinte, foram solicitadas máscaras protetoras contra fumaça, que foram fornecidas pelos coordenadores da nação anfitriã de imediato. Com elas, não se impedia por completo a inalação de fumaça, mas a reduzia em grande proporção e era um fator psicológico positivo para as tripulações ao se sentirem mais protegidas.

O período de ajuda previsto pelo estado peruano, de acordo com a resolução ministerial, foi de cinco dias. Se a chegada dos helicópteros se deu no dia 28 de agosto, a partida deveria ser no dia primeiro de setembro. Contudo, os números de descarga de água foram tão notáveis, que o próprio Presidente Evo Morales foi corroborar os trabalhos dos helicópteros da FAP. No dia 30 de agosto, tendo verificado mediante um sobrevoo com um avião pequeno da FAB (Forca Aérea Boliviana) as operações de combate a incêndio da delegação peruana, o Presidente do Estado Plurinacional da Bolívia felicitou as tripulações peruanas no Aeroporto de San Ignacio de Velasco e mediante Nota Verbal do Ministério das Relações Exteriores, solicitou ao governo peruano a ampliação de apoio até o dia 3 de setembro, ou seja, por dois dias a mais do que o estipulado. O estado peruano aceitou generosamente a solicitação, da mesma forma que os membros do destacamento peruano; todos expressaram sua alegria em permanecer e colaborar com os incêndios e problemática que já haviam considerado sua, como se fossem uns bolivianos a mais na cidade.

O trabalho das tripulações da FAP foi muito útil e grande. Tendo em conta que se dedicou um dia para a manutenção preventiva de trabalhos de inspeção nos conjuntos maiores de ambos os helicópteros, no total foram seis dias de trabalho intenso. Os dois helicópteros conseguiram realizar 243 descargas com um total de 607.500 litros de água descarregada, empregando-se 73,7 horas de voo durante toda a missão. Foram 17 os integrantes da delegação peruana que, sob a direção do Coronel da FAP Alfredo Zavalaga Calienes, cumpriram um trabalho muito além das expectativas. Menção especial merece o Coronel da FAP Ronny Santillán Valle, adido da Defesa e Aéreo da Embaixada do Peru em La Paz, que viajou por terra à cidade de San Ignacio de Velasco para se encarregar de todas as coordenações logísticas para as tripu-

lações e helicópteros, aliviando de grande maneira o trabalho e permitindo a concentração exclusiva das tripulações na missão.

Antes de sua partida, a delegação peruana foi reconhecida pelo Ministério da Defesa boliviano que lhes ortogou a Condecoração Marechal Andrés de Santa Cruz. Tendo concluído a missão no dia 3 de setembro, as tripulações se dispunham a planejar o regresso no dia seguinte; contudo, foi grande a sua surpresa quando representantes do Ministério da Defesa lhes solicitaram um momento do seu tempo para realizar uma cerimônia de entrega de medalhas como reconhecimento ao seu trabalho. O destacamento peruano já se sentia reconhecido pelo povo boliviano, pelas mostras de afeto recebidas pelas ruas da cidade, quando se escutava: "Obrigado Peru, obrigado por nos ajudar", tais palavras eram incentivos que motivavam os peruanos e recarregavam sua energia. A condecoração foi entregue no Salão Hóspedes Distintos do aeroporto e foi agradecida pelo Chefe da Missão, que entregou uma placa de lembrança representando a todos (Ver tabela 1). Adicionalmente, o prefeito do município de San Ignacio de Velasco, estendeu a cerimônia declarando Hóspedes Distintos a cada um dos integrantes da delegação peruana e entregando-lhes o Querubim Chiquitano, para que os protegesse em sua viagem de regresso à casa. Terminada a cerimônia, os integrantes da delegação empreenderam a viagem de volta ao Peru, despedindo-se com um desfile em formação em frente ao aeroporto, agitando a bandeira peruana.

Coronel Ronny Santillán Valle (Adido de Defesa e Aéreo)
Coronel Alfredo Javier Zavalaga Calienes (Chefe de Missão)
Major Edgar Gino Burgos Valdivia (Líder de Tripulações em voo)
Major Giancarlo Sáez Mendonza (Oficial PREVAC)
Major Renzo Luis Llabrés Vinas (Chefe de Operações do EA Nº 332)
Capitão Rhony Samuel López Raa (Treinamento e Tática)
Capitão Sergio Danner Paucar Centurión (Relações Públicas)
Capitão Irwin Alexander Espinoza Ávila (Seção Pessoal)
Técnico Inspetor Fredy Luis Lachos Santos (Engenheiro de Voo)
Técnico de Primeira Alfredo Fermín Mamani Huisacayna (Sistema de Rádio)
Técnico de Segunda Danny Henry Osorio Santa Cruz (Sistema de Rádio)
Técnico de Segunda Juan Guillermo Caldas Antúnez (Engenheiro de Voo)
Técnico de Segunda Robert William Delgado Chang (Engenheiro de Voo)
Técnico de Segunda Rubén Manuel Barreto Rondan (Sistema Hidráulico)
Técnico de Terceira Harry Jackson Vargas Galván (Sistema Elétrico)
Técnico de Terceira Wilmer Ernesto Santisteban Cueva (Estruturas)
Técnico de Terceira Edgar Adolfo Ramírez Alcántara (Motores)
Suboficial de Primeira Alan Crisanto Leyva Luna (Engenheiro de Voo)

Tabela 1: Lista de participantes da FAP
Fonte: Autor

A Amazônia ainda está em perigo. O governo boliviano contratou os serviços da empresa Global SuperTanker e tem recebido grandes ajudas internacionais da União Europeia, França, Colômbia, Suíça, Rússia e Argentina. Seus esforços têm sido grandes e têm sido destacados mediante os informes emitidos pelo governo[8]. Certamente trabalharão, da mesma maneira, para estabelecer medidas para a reconstrução das áreas afetadas.

Conclusão

A responsibilidade da Amazônia é compartilhada por todos os seus habitantes. Estamos nos esforçando para apagar um incêndio que nós mesmos, seres humanos, temos causado. Mas vamos nos fixar em como a Amazônia se encontra em geral. Compreendemos que é o que vamos deixar a nossos filhos e netos. Conhecemos as medidas que estão sendo tomadas para que não voltem a ocorrer. Dizem que o homem que não estuda a sua história está destinado a repeti-la. Os meios de comunicação nos apoiarão em divulgar estes desastres até que deixem de ser notícia ou manchete nos noticiários e, depois, voltaremos a cair na mesma sequência de eventos repetidos, se não tomarmos medidas preventivas. Nós, trabalhadores públicos, somos os profissionais responsáveis em respeitar e fazer respeitar a principal fonte de oxigênio que os nossos compatriotas e seres humanos têm.

Desejo finalizar este espaço que a Revista Profissional das Forças Aéreas dos EUA-Continente Americano tão amavelmente me permitiu utilizar, para saudar muito afetuosamente os meus companheiros militares de toda a América Latina e que têm a honra de vestir o glorioso uniforme dos seus respectivos países. Além disso, manifestar-lhes o meu desejo de promover na sociedade civil, o profissionalismo com o qual os membros das Forças Armadas trabalham. A veemência que temos para com as operações militares de defesa e desenvolvimento social são sensíveis à dor e necessidade do cidadão, nosso objetivo é chegar a ser um instrumento do estado para contribuir para a paz social e respeito pelos direitos humanos. Como militares, é nosso denodo e destino a proteção da população civil contra as ameaças que a comprometem e o fazemos com satisfação e firmeza. Mostro o compromisso da minha instituição, a Força Aérea do Peru, em conseguir construir para as gerações futuras um melhor lugar para se viver. ❑

Notas

1. http://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/bdqueimadas#.
2. https://elpais.com/internacional/2019/08/24/actualidad/1566597603_259337.html "Bolsonaro moviliza al Ejército ante la presión internacional por la crisis en el Amazonas."
3. https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-49448825.

4. https://maaproject.org/2019/fuego-deforestacion-brasil/ MAAP #109: Fuego y Deforestación en la Amazonia Brasileña, 2019.
5. http://www.mindef.gob.bo/mindef/node/3685.
6. http://www.mindef.gob.bo/mindef/sites/default/files/u73/13-SEP-19%20REPORTE%20DEFENSA%20CIVIL.pdf.
7. https://www.gob.pe/institucion/minagri/noticias/29780-peru-y-bolivia-se-unen-para-prevenir-y-controlar-el-trafico-ilegal-de-recursos-forestales-y-de-vida-silvestre.
8. http://www.mindef.gob.bo/mindef/node/3829.

Major Giancarlo Sáez Mendonza, Força Aérea do Peru

Bacharel em Ciências Admistrativas da Universidade Nacional San Agustín de Arequipa. Formou parte da Companhia Peru na Missão de Estabilização das Nações Unidas em Haiti. É criador do app Android "Planejador de Voo Bell 212" desenhado para o cálculo de tabelas de performance. É piloto no comando em helicópteros MI-17 e Bell 212. Foi Piloto Instrutor e Comandante de Esquadrão Aéreo na Escola de Formação de Pilotos da FAP. Foi condecorado com a Medalha ao Mérito Major General da FAP Armando Revoredo Iglesias, na Ação Honorável Causal por realizar evacuação de feridos em combate na zona do VRAEM. Foi condecorado com a Medalha Marechal Andrés de Santa Cruz do Estado Plurinacional da Bolívia por realizar operações aéreas de Combate a Incêndios florestais na Amazônia boliviana. Atualmente, atua como comandante do esquadrão de manutenção nº 306, do grupo aéreo nº 3.